



**UNILAB**

Universidade da Integração Internacional  
da Lusofonia Afro-Brasileira

**INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**ANDRELINA GOMES TUNDÉ**

**DILEMAS E DESAFIOS NO PROCESSO DE ENSINO EM GUINÉ- BISSAU: FATORES DETERMINANTES DA INTERRUÇÃO DOS ESTUDOS DAS ADOLESCENTES FULAS E MANDINGAS NO ENSINO MÉDIO NA REGIÃO DE GABÚ**

**REDENÇÃO (CE)**

**2018**

ANDRELINA GOMES TUNDÉ

DILEMAS E DESAFIOS NO PROCESSO DE ENSINO EM GUINÉ- BISSAU: FATORES  
DETERMINANTES DA INTERRUPÇÃO DOS ESTUDOS DAS ADOLESCENTES FU-  
LAS E MANDINGAS NO ENSINO MÉDIO NA REGIÃO DE GABÚ

Projeto apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Artemisa Odila Cande Monteiro.

REDENÇÃO (CE)

2018

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
1.1	Problematização .....	6
1.2	Hipóteses.....	6
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS .....</b>	<b>7</b>
2.1	Geral .....	7
2.2	Específicos .....	7
<b>3</b>	<b>JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>7</b>
<b>4</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>9</b>
4.1	Contextualizando as mulheres bissau-guineenses e suas contribuições na sociedade.	9
4.2	Breve histórico sobre a educação na Guiné-Bissau: os dilemas e os desafios das tradições étnicas muçulmanas .....	10
4.3	Gênero e evasão escolar: uma questão em análise nas etnias Fulas e Mandingas ....	11
4.4	A realidade social e cultural das etnias Fulas e Mandingas .....	12
4.5	A constituição da mulher no Islão e a tradição cultural no processo de formação das meninas muçulmanas .....	16
4.6	Os desafios do sistema educativo em Guiné-Bissau .....	18
<b>5</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>19</b>
5.1	Técnicas utilizadas e análise de dados.....	20
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>21</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa traz como proposta analisar os fatores que influenciam as estudantes adolescentes Fulas e Mandingas a interromperem os seus estudos no ensino médio, na região de Gabú. Essa, por sua vez, faz parte de uma das 8 regiões administrativas da Guiné-Bissau, na qual fica situada na zona Leste do país, faz fronteira com Senegal, a Norte, a Guiné a leste e Sul e com as regiões de Tombali e Bafatá. Gabú foi a capital do império Kaabu (também conhecido por Ngabou, ou N’Gabu: um reino Mandinga que existiu entre 1537 a 1869, chamado Senegâmbia). De acordo com os dados de União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA)<sup>1</sup>, o Gabú atual tem uma superfície de 9.159 km<sup>2</sup>, e conta com cerca de 14.430 habitantes (censo de 2010) e apresenta com clima tropical quente e húmido, com duas estações distintas<sup>2</sup>. No entanto, a temperatura é muito elevada durante todo o ano. “As produções naturais de Gabú são a borracha, couro de animais, mel e cera. Os produtos cultivados são: amendoim, arroz, milho, (diversas variedades) e algodão. Podemos ainda acrescentar o inhame, a batata e a mandioca”. (BORGES, 2009, p. 43).

Sabemos que Guiné-Bissau sofreu vários processos de ocupação e povoamento, o que acabou mesclando grupos étnicos. Toda essa junção deve-se ao processo histórico que daremos ênfase na abordagem desta proposta de pesquisa. Nos seus achados de pesquisa, a pesquisadora e observadora atenta de Guiné-Bissau, Moema Augel, afirmou no importante livro, cujo título *O desafio do escombros, Nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*, o seguinte:

A Guiné-Bissau é um país, como quase todos os países africanos, de pequena dimensão, constituído por grupos populacionais de origens diversas. O mosaico étnico da Guiné-Bissau é muito variado, tendo sofrido no correr dos séculos muitas alterações. A migração, a guerra de conquista e a colonização desempenharam um papel importante na redistribuição e no entrecruzamento populacional (AUGEL, 1939, p. 76).

Deve-se salientar que, na Guiné-Bissau, viviam vários grupos étnicos. De acordo com Alberto Costa e Silva (2010) a Guiné apresentava com vários grupos étnicos entre as quais temos: Beafadas, Felupes, Sereres, Banhuns, Baiotes, Casangas, Balantas, Brames, Papeis, Mandinka, Manjacos, Bijagós, Nalus, Landumas, Sossos, Bagas, Bulons, Conianguis, Sapes, Xerbros, Timinés, Limbas, Quissis, Krims, Corancos, Vais e Fulas. (COSTA e SILVA, 2010). Antes da chegada dos portugueses, esses grupos étnicos tinham um sistema de organi-

<sup>1</sup> UCCLA é uma associação intermunicipal de natureza internacional, criada a 28 de junho de 1985. Assinaram o ato de fundação as cidades de Bissau, Lisboa, Luanda, Macau, Maputo, Praia, Rio de Janeiro e São Tomé/Água Grande.

<sup>2</sup> A estação da chuva é de meados de maio até meados de novembro, e a estação seca acontece durante os outros meses do ano

zação social e econômico bem sofisticado, com suas normas, culturas e línguas. Mas, com a presença dos portugueses nesse território guineense desconfigurou as estruturas sócias e por conseguinte a exploração e a massacre do povo nativo. Os Fulas e Mandingas são grupos étnicos que vivem no interior de Guiné-Bissau, a maioria deles vivem nas regiões de Gabú e Bafatá na província leste do país, estas etnias sofreram um processo de islamização.

Nas ideias de Augel (2007), o leste do país foi constituído por Fulas e Mandingas que têm um sistema político hierárquico com o poder centralizado num só chefe com divisão vertical de classes. Fulas vivem mais do comércio, criação de gado, etc.; os Mandingas, por sua vez, dedicam-se ao comércio e à agricultura.

Com a formação do Estado-Nação, houve a necessidade de desenvolver um processo de escolarização para todas as regiões do país, porém tendo em conta que a nação necessitava e, ainda necessita, de quadros para pensar no tipo de desenvolvimento coletivamente pretendido. O desafio era enorme no que concerne à educação, pensando nas tradições que cada etnia carrega e esse modelo poderia não ser compatível com as conveniências dos nativos.

Por educação, em termos empíricos, entende-se como a forma de capacitar um indivíduo presente em qualquer sociedade que se encontra, com o propósito de lhe fazer conhecer os seus direitos, deveres, modo de se apresentar em uma determinada sociedade. Além disso, a educação ajuda praticamente na formação de um Estado, seja em termos políticos, culturais, religiosos, linguísticos, ideológicos, entre outros. Consequentemente, a nossa preocupação é entender esses dilemas no processo de ensino em Guiné-Bissau e o que está na base de constante abandono escolar das adolescentes Fulas e Mandingas.

Recentemente, podemos falar de Agenda 2063 de União Africana (UA)<sup>3</sup> que visa, num dos seus pontos, a emancipação feminina como condição *sine qua non* (“sem a qual não”)<sup>4</sup> o progresso social e a justiça social (AGENDA, 2017). A realidade guineense demonstra ao contrário, no sentido de atingir as tais aspirações. Pretendemos, pois, buscar através de todos os quadrantes possíveis - culturais, sociais, religiosas, étnicos - os fatores que impulsionam as meninas Fulas e Mandingas a abandonarem seus estudos ou, muitas vezes, são obrigadas a abandonar a escola para se juntar ao marido.

---

<sup>3</sup> União Africana (UA) é a organização internacional que promove a integração entre os países do continente africano nos mais diferentes aspectos. Fundada em 2002 e sucessora da Organização da Unidade Africana, criada em 1963. Maiores informações em: <<https://bit.ly/2OXsBaC>>. Acesso em: 11 out.2018.

<sup>4</sup> É uma locução com que se qualifica uma cláusula ou condição sem a qual não se conseguirá atingir o objetivo planejado, sem a qual determinado fato não acontece. Ver: <<https://www.significados.com.br/sine-qua-non/>>.

## 1.1 Problematização

Nesse contexto, suponhamos que algumas problemáticas estão na base deste fato: a realidade sociocultural das referidas etnias, o papel da religião na decisão de interromper a formação escolar para aderir ao matrimônio cultural.

A adoção criteriosa de costumes e tradições étnicas pelos distintos chefes religiosos contribui para o afastamento escolar da maioria das mulheres, a exemplo do casamento precoce a excisão feminina.

No caso das sociedades Fulas e Mandingas de Guiné, o nosso recorte de análise nos interessa entender de modo profundo e eficiente as motivações mais fortes que condicionam o abandono escolar das meninas pertencentes as estas etnias. Portanto, algumas questões levantadas se fazem necessárias para direcionarmos a nossa pesquisa:

- Quais são os fatores que mais influenciam as estudantes Fulas e Mandingas a interromperem seus estudos no ensino médio na região de Gabu?
- Qual é o papel da religião muçulmana na promoção da educação formal para essas meninas?
- Como a tradição cultural reflete no processo de formação das meninas muçulmanas dessa região?
- Até que ponto a campanha da colheita da castanha de caju pode interferir?
- Quais as visões acerca do papel da mulher nas etnias Fulas e Mandingas?

## 1.2 Hipóteses

Partimos do pressuposto de que existem fatores que fazem com que as meninas acabam por deixar a escola ainda na tenra idade para se aderirem a outras práticas:

- H1: O casamento precoce é responsável pela evasão escolar das adolescentes Fulas e Mandingas e, por sua vez, acaba por gerar gravidez precoce.
- H2: A campanha de castanha de caju contribui para o abandono escolar dessas meninas. Mas, são deduções que precisamos aprofundar ainda mais no decorrer da pesquisa.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 Geral

Analisar os fatores que influenciam as estudantes adolescentes Fulas e Mandingas a interromperem seus estudos no ensino médio na região de Gabú;

### 2.2 Específicos

- Mapear a realidade sociocultural das etnias Fulas e Mandingas;
- Compreender o papel da religião na decisão de interromper a formação escolar das adolescentes das referidas etnias;
- Analisar até que ponto a campanha da colheita da castanha pode interferir na decisão de interromper os estudos.

## 3 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa nasceu da necessidade de compreender, através de estudos, quais são os mecanismos que consubstanciam o constante abandono escolar em Guiné-Bissau, nomeadamente nas camadas femininas de segmentos étnicos, especificamente, Fulas e Mandingas da cidade de Gabú.

O que chamou a minha atenção sobre esta temática foi contato que tive com minhas amigas e colegas, com as quais estudei durante o ensino fundamental na escola privada “Jovem Com Uma Missão” (JOCUM) em Gabú e que, mais tarde, mudaram para a escola do estado devido a condições financeiras. Durante as conversas que tive com uma amiga, ela acabou me explicando que algumas já foram ao casamento porque seus pais acharam por bem, que já estão na altura de cuidar da casa e de servir o seu marido. Nesse caso, muitas vezes, mesmo quando já estão na casa do marido ou fora do casamento, com a chegada dos filhos muitas preferem a não voltar a estudar, já outras preferem se investir no comércio para ajudar no crescimento econômico familiar.

Outro motivo foi a minha participação numa organização denominada Rede de Crianças e Jovens Jornalistas (RCJJ). Antes de qualquer pessoa fazer parte desse grupo, é obrigatório passar por um teste. Na circunstância de minha entrada, a forma de fazer teste era a seguinte: cada novato deveria escolher um tema para abordar perante os demais componentes e veteranos da organização, os temas deveriam ser voltados sobre as questões da igualdade

de gênero, gravidez precoce, educação, família, casamento forçado, excisão feminina, questão do lixo, de HIV/SIDA, entre outros. A apresentação do seu trabalho era gravada e depois se passa para a fase da entrevista. Consegui apurar e passei a ser membro efetivo da organização até o momento que cheguei ao Brasil. Naquela altura, todos os sábados íamos à rádio Bombom-FM para discutir várias temáticas, principalmente temas ligados ao meu trabalho.

Tomamos como preocupação inicial os últimos dados analisados pelas ONGs (2014) vocacionadas as questões de gênero e afins. A Guiné-Bissau é um país recente, se formos ver o processo da sua formação. O Estado após a independência não teve grandes êxitos sociais (na educação, saúde, agricultura e etc.). A educação sempre se constituiu uma espécie de calcanhar de Aquiles, muito frágil, o que acaba tornando possível o abandono escolar (GOMES, 2016). Se considerarmos toda esta realidade, podemos perceber o porquê, que as realidades escolares nos grupos étnicos aqui citados tornam-se ainda mais complexas. Por conta de uma tradição muito voltada para as questões religiosas e culturais.

Por isso, propomos analisar os fatores que influenciam as estudantes adolescentes Fulas e Mandingas a interromper os seus estudos no ensino médio em Guiné-Bissau, na cidade de Gabú. O chamado “casamento forçado”, que é casamento firmados em muitos casos mesmo antes dos filhos nascer, está permeado de motivações além de convencional. Entendemos que é preciso buscar entender de perto os reais e os principais motivos que fazem com que as meninas Fulas e Mandingas abandonem as escolas.

Interessa-nos, por outro lado, compreender até que ponto não seria necessário buscar entender a responsabilidade do governo neste processo, através de suas políticas educacionais de acesso e permanência na escola que não cobrem toda população feminina, ao invés de ver apenas a evasão motivada apenas por questões religiosas e culturais.

É importante atentar para trabalhos desenvolvidos sobre o tema supracitado. Ainda existe uma grande lacuna de pesquisas e publicações que realmente fornecem pareceres profundos e altamente confiáveis (sobretudo quando se trata dos dados), pois há pesquisas financiadas e, muitas vezes, elas acabam por levantar dados e explicações falsas e/ou tendenciosas.

Depois de 1974, ano da proclamação de estado guineense, com todas as convenções e tratados ratificados sobre gênero e a necessidade de escolarização das meninas africanas, Guiné-Bissau continua a manter-se muito equidistante da realização dos tais acordos (IMPANTA, 2015). Vale ressaltar que, como signatário da União Africana, a Guiné-Bissau tem a obrigação de assegurar a Agenda 2063, que visa num dos seus pontos a emancipação feminina como condição do progresso social e a justiça social. Atualmente, a realidade guine-



ense demonstra ao contrário, no sentido de atingir as tais aspirações. Neste sentido, o proposto trabalho vai contribuir no debate da Agenda 2063, convocando ao estado de Guiné-Bissau a promover as políticas públicas de acesso ao ensino, assim como diminuir a taxa de abandono escolar, permitindo que os pais e encarregados da educação tenham a consciência social e política da importância de colaborar na emancipação das suas filhas e das mulheres (AGENDA, 2017).

## 4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 4.1 Contextualizando as mulheres bissau-guineenses e suas contribuições na sociedade

Enquanto líder da revolução guineense e ora representado como pai na nação guineense, Amílcar Cabral sempre teve a compreensão de que era preciso fazer a luta de independência, mas sempre levando em consideração a espinha dorsal da sociedade guineense; neste caso, as mulheres e mães da nação (CABRAL, 1975).

Cabral (1975) compreendia bem as dificuldades de ordem tradicional que as mulheres guineenses enfrentavam, por isso sempre buscou através da sua ação revolucionária demonstrar para as populações locais que era preciso libertar as mulheres da sua condição de dominação e dona de casa apenas. Para ele, a mulher deveria ocupar cargos na política, no exército e onde ela quisesse estar; mas, para isso, não ignorou a sua realidade local e sobretudo naquele contexto.

Impanta (2015), por sua vez, argumenta que, na Guiné-Bissau, muito ao contrário do que se vive e se vivencia hoje, as mulheres estavam e faziam parte de quase todas as esferas do partido que lutava e buscava a independência ou elas eram peças fundamentais e estratégicas na Guiné-Bissau.

Na Guiné-Bissau a presença feminina contribui de forma eficaz no desenvolvimento de nacionalismo. No PAIGC<sup>5</sup> que desde o princípio se empenhou no combate contra a discriminação de gênero, na luta contra o colonialismo português existia o destacamento feminino, onde a mulher guineense sempre desempenhou um papel fundamental, ocupando cargos de destaque dentro de movimento (IMPANTA, 2015, p. 52-53).

Autores como Amílcar Cabral (1975), Gomes (2016) e Impanta (2015) demonstram que a Guiné-Bissau nem sempre foi espaço de desigualdade entre homens e mulheres, houve um processo de construção e conscientização da importância de se ter mulheres em

---

<sup>5</sup> O Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde, também conhecido pela sigla PAIGC, foi o movimento que organizou a luta pela independência da Guiné Portuguesa (Guiné-Bissau) e de Cabo Verde, que eram colônias de Portugal.

lugares-chave durante a mobilização e guerra para independência. Só que depois de independência houve uma queda enorme, tendo em conta a nova estratégia do governo que não consegue responder todas as demandas das populações.

#### **4.2 Breve histórico sobre a educação na Guiné-Bissau: os dilemas e os desafios das tradições étnicas muçulmanas**

Os dados da educação e alfabetização na Guiné-Bissau dita portuguesa era muito baixa, cerca de 99% dos guineenses não sabiam ler nem escrever (CABRAL, 1975; FREIRE, 2014). Esta realidade, quando fomos analisar, abarcava homens e mulheres. Mas, atualmente, quaisquer dados de analfabetismo ou desigualdade entre homem e mulher na Guiné-Bissau podemos logo perceber que as mulheres vão estar sempre em desvantagem. Hoje, apesar das políticas e incentivos de governo, ainda que residual, não conseguimos ter uma sociedade justa e equitativa como se pensa e espera. As mulheres são menores em número em todas as esferas que podemos ver. (IMPANTA, 2015).

As etnias Fulas e Mandingas apresentam uma realidade ainda mais sofrida. As tradições Fulas, Mandingas e as outras etnias ainda resistem muito à educação denominada “ocidental”, já que para muitas pessoas seria ainda uma das formas de se opor à ocidentalização de ensino e de saber. No trabalho da Impanta (2015), quando ela apresenta as entrevistas realizadas, podemos perceber nas falas das meninas Fulas e Mandingas as restrições morais e comportamentais que norteiam as vidas delas devido à forte carga educacional que receberam nas suas casas e famílias muçulmanas.

É comum observar na Guiné-Bissau que as referidas etnias têm suas peculiaridades, a de casamento arranjado, sendo crianças ainda no ventre da mãe, os pais já selam aliança entre famílias. Esta realidade é uma das causas que faz com que geralmente as meninas muçulmanas em Guiné-Bissau (Fulas e Mandingas) não concluam até mesmo o liceu. Entre as guineenses na UNILAB, podemos notar a pouca presença das meninas muçulmanas com relação às cristãs. Talvez este fato deva merecer um olhar profundo e cuidadoso na fase de pesquisa. Portanto, a realidade guineense acaba se refletindo e se reproduzindo na UNILAB, em certo modo.

### 4.3 Gênero e evasão escolar: uma questão em análise nas etnias Fulas e Mandingas

Tanto os textos de Gomes (2016) e Impanta (2015) apontaram de que muitas vezes, em busca de certa preservação “cultural” e tradicional, acaba-se por cometer injustiça contra as meninas de todas as etnias da Guiné-Bissau.

Também é preciso admitir que ainda falta uma política de gênero que pudesse ir junto às famílias, igrejas e instituições locais para formularem juntas políticas e formas de minimizar as desigualdades que as mulheres são vítimas com relação aos homens e sistema que os rege. Para isso, autoras, como Impanta, consideram importante olhar bem as realidades antes de se pensar quaisquer formulações,

Questões de sexualidade e de gênero nas sociedades africanas tem sido enquadrado em vários discursos, locais e internacionais, que não reconhecem adequadamente as complexidades da realidade das sociedades africanas. Gênero como categoria é de tal forma identificado com as mulheres e normalmente se parte do princípio de que os estudos de gênero devem se concentrar sobretudo em problemas das mulheres (IMPANTA, 2015, p. 55).

A autora nos convoca a fazer uma análise atenta tendo em consideração as complexidades e questões locais específicas. A Guiné-Bissau é um país classificado como pobre de acordo com os dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD<sup>6</sup>, 2016). O país, desde a sua independência, não deu muita atenção para a criação e manutenção de políticas que permitam a permanência das meninas nas escolas e, não só, isso leva com que as mesmas que vivem no interior abandonam os seus estudos ainda sendo adolescentes. A taxa de abandono escolar que trazemos à tona é muito lamentável para as meninas, assim também como o dos rapazes.

A taxa de analfabetismo geral é atualmente estimada em 63,4%, conforme os dados do INEC (31 de dez 99); a taxa de analfabetismo na população com mais de 15 anos é de 63,6% com uma predominância no seio da população o feminino, (83,3% de mulheres e 36,6% de homens). A mortalidade infantil é estimada em 100-120/1000 e 150-180/1000 nas zonas rurais; a mortalidade infanto-juvenil é estimada em 200-250/1000 nos centros urbanos e em 300-350/1000 nas zonas rurais, segundo o observatório do projeto de saúde de Bandim. A mortalidade materna é estimada em 349/1000 (MICS 2000). Na sequência das carências dos dados do recenseamento, os indicadores de fecundidade seriam de 50/1000 para uma taxa bruta de natalidade de 6,8 crianças por mulher, um elevado índice sintético de fecundidade devido a vários fatores, entre as quais, o casamento precoce, inacessibilidade aos métodos de planejamento familiar, as condições sociais e culturais da mulher, o analfabetismo e a pobreza, entre outros. (ARANTES, 2008, p. 2).

Por outro lado, as meninas têm mais a baixa taxa da escolarização por vários motivos culturais: elas desde cedo são destinadas para cuidarem de casa e os seus pais não valo-

---

<sup>6</sup> Órgão da Organização das Nações Unidas que tem por mandato promover o desenvolvimento e erradicar a pobreza no mundo.

rizam os seus estudos da mesma forma com o dos meninos, nas famílias existem um modo de tratamento bem diferenciado entre os meninos e as meninas. A maioria dos rapazes não fazem nenhuma tarefa doméstica, enquanto que as meninas estudam no mesmo turno com eles, mas quando chegam em casa a menina já sabe por onde vá, que na cozinha, lavar louça, limpar piso e entre outras. Esses fatores influenciam para o mau rendimento das meninas nos estudos e, muitas vezes, elas acabam por abandonar a escola. Gomes enfatiza que,

Apesar dos esforços efetuados nos últimos anos, a taxa de alfabetização das mulheres é ainda bastante baixa e persistem diferenças no acesso à educação. As razões que explicam o baixo nível de escolaridade das mulheres relativamente aos homens têm que ver com a visão tradicional da sociedade em relação ao papel da mulher no mercado de trabalho e na própria sociedade. A repartição do trabalho doméstico e agrícola, que desde sempre exerceu uma influência decisiva no momento da escolha quanto à escolarização dos filhos segundo uma perspectiva de género negativa, isto é, dando prioridade à educação dos rapazes sempre que os recursos não permitissem a educação de todos, foi um dos fatores determinantes da condição social e cultural de inferioridade das mulheres em relação aos homens (GOMES, 2008, p. 09).

Como vimos desde o início, a diferença da frequência escolar entre homens e as mulheres que os homens sempre estão em vantagem com relação às mulheres em todas as esferas que já mencionamos. Agora pretendemos mostrar as baixas taxas de escolarização entre as etnias um estudo feito pelo Instituto Nacional de Estatística de Guiné-Bissau afirma:

Entretanto, verifica-se também que existem diferenças significativas entre as diferentes etnias. Na maior parte das etnias, mais de metade dessa população é alfabetizada, com percentagens relativamente elevadas entre os Mancanhas (86,2%), Manjacos (65,9%), Papéis (65,1%) e Felupes (64,4%). Contrariamente ao que se verifica nas etnias acima mencionadas, entre a população da etnia Fula, Mandinga e Balanta Mane, apenas menos de metade sabe ler e escrever, correspondendo essa percentagem a 38,5% entre os Mandinga. INE (2009, p. 45)

Sendo assim, o Estado tem que pensar profundamente sobre a questão da educação, elaborando as políticas públicas que vai estimular e assegurar a entrada e permanência das(os) alunas (os), principalmente no caso das etnias aqui apresentadas com um baixo índice de alfabetização, porque as taxas aqui mencionadas são muito preocupantes, onde a maioria da população são as mulheres e elas são mais vitimadas em todas as circunstâncias.

#### **4.4 A realidade social e cultural das etnias Fulas e Mandingas**

Os Fulas são conhecidos como criadores de gado e comerciantes. O seu reino é denominado de “Gram Fulo”. Segundo Djaló (2013), o pacto que aconteceu em 31 de março de 1785, eles cognominados de Poules, esta pronúncia que o autor mostra foi através de uma transcrição do Wolof Pol ou Pel. Pullo, plural Fulbe. São todas estas versões que modificam o

nome dos Fulas. E em árabe são denominados de Fulân ou Fullân. Entretanto, existe ainda uma diferenciação dentro da etnia Fula. “Os Fulas pretos das regiões de Bafatá e Gabú chamam-se a si próprios Indaié (Ndjiádò, Ndjhiádò). São descendentes dos antigos cativos dos Fulas-Foros e dos Futa-Fulas, chamados Matiubê (ou Matxubê Matxudo)” (DJALÓ, 2013 p.70). Djaló (2013), Mota (1954) e Pinto (2009) explicaram que os Fulas pretos vistos como cativos de guerras foi apenas uma idealização dos portugueses para diferenciar a cor da pele das outras categorias dos Fulas, por outro lado consideram-lhes impuros.

“Os Fulas Foros são conhecidos pelo nome genérico de Fulacundas. Chamam-se a si próprios Pulô- Dimô (Fula- nobre). O Fulas-foros receberam de Forró-íá, ‘terra da liberdade’, ou seja, terras retiradas à influência Mandinga” (DJALÓ, 2013, p.70). Os Futa- Fulas ou que pode ser chamada também de Fulas de Fouta-Djallon, eles seriam o fruto da mistura entre diferentes etnias humanas, principalmente, entre Sosso-jaloncados e os Fulas de Macina. Sendo assim, ainda insiste o mesmo autor que trouxe outras análises a respeito das divisões dos Fulas.

Longe de constituírem uma unidade antropológica e cultural monolítica, os Fulas são pelo contrário heterogêneos e polimórficos. Na sua tipologia, os etnólogos portugueses classificam-nos em vários grupos: os Fulas autênticos ou de pele clara; os Fulas “negrificados”, mas com os mesmos caracteres somáticos que os primeiros; “os Negro-Fulas”, nos quais haveria uma mistura em proporções equivalentes entre os caracteres Fulas e negróides e, finalmente, os negros africanos-africanos “fulanizados” (DJALÓ, 2013, p.70).

De acordo com Borges (2009), ressalta que os Fulas fisicamente são distintos em relação aos outros povos africanos, pois eles têm nariz mais reto e a pele mais clara; por outro lado, ela disse ainda que as suas educações são realizadas nas escolas corânicas e preservam também importantes posições econômicas e políticas em Guiné-Bissau.

Os Mandingas também conhecidos como criadores de gados, comerciantes e agricultores. Eles são originários do alto Níger, a maioria deles também sofreram o processo de islamização como os Fulas. Ameal (1965, *apud* DJALÓ, 2013, p.66) ressalta que os Mandingas de Farim são Soninkés e depois vem sendo o fruto da mestiçagem com os Etíopes e Núbios. “Eles chamam-se Mandinkó-lu (Mamdinkó, Mandingó). Este etnónimo está afiliado ao de Malinké ou Mandinké nomes formados de Mali (Mandên) e nké ‘homem’ ‘pessoa’ ‘habitante’” (DJALÓ, 2013, p.66). Na mesma linha de pensamento, Pinto (2009) salienta que os Mandingas são os nomes dados aos Malinkés que se fixaram em Guiné-Bissau e que, no começo, a chegada dos Mandingas deu-se de forma pacífica, pontual, com a incorporação do casamento, alianças com as populações que se encontravam. De acordo com Djaló (2013) e Pinto (2009), os Mandingas estavam organizados em vários reinos que são: Cantor Uli, Bras-

so, Niani e Cabu (que virou Gabú), eles exerciam seus poderes de controle em maior parte do território da Geba e Gambia, quando os portugueses chegaram.

Apesar de não se ter constituído numa das principais fontes de recursos humanos na luta de libertação, os Mandingas resistem à dominação portuguesa e mantiveram o domínio estatal do território que corresponde atualmente à Guiné-Bissau (e uma boa parte dos países vizinhos) durante quase cinco séculos, até no início do século XIX, altura em que essa predominância foi substituída pela autoridade papel, com apoio dos europeus. A afirmação dos estados islâmicos Fulas determinaram o colapso do kaabú e da hegemonia mandinga naquela região (PINTO, 2009, p. 38).

O colonialismo não foi apenas uma ideologia, mas também do ponto de vista cultural que, de certa forma, passou sendo o momento opressivo das etnias Fulas e Mandingas.

Verifica-se que, na sociedade Mandinga, as corporações de ofício estão separadas em três partes: que são os comerciantes (Djilas), os sapateiros e os ferreiros agricultores. De acordo com o Djaló (2013), eles são distintos entre si por causa dos nomes de seus ascendentes paterno. Mané e Sani são os dois nomes que os nobres usavam antes da islamização e grande parte dos nomes da família era de procedência tradicional.

De acordo com os estudos feitos pelo Silva (1968) citado pelo Tchernó Djaló, a sociedade Mandinga apresentava uma estratificação social tradicional de seguinte forma: os homens livres e os escravos. “Os homens livres, dos quais faziam parte os homens de ofício, os agricultores, os guerreiros e o clero. Este último compreendia três dignitários religiosos que são, nomeadamente, os Almamis, os Fodeos e os Arafans” (SILVA, 1968 *apud* DJALÓ, 2009, p. 67). Enquanto que os escravos eram constituídos por homens subordinados, pelos prisioneiros e aqueles que entregavam como garantias para o pagamento de dívidas.

Por sua vez, Djaló (2013) sublinha que o casamento não era permitido entre as pessoas de castas e homens livres, no entanto, mesmo se era aceito as combinações de castas à ficarem com os homens livres. Os homens de castas só podiam casar com as mulheres pertencentes à mesma classe. O autor explica ainda que atualmente as coisas mudaram, mas nos tempos remotos esta prática era analisada com rigidez. Com o tempo, muitas destas práticas tradicionais que os nossos ancestrais faziam nos tempos remotos se mudaram. “A relação entre o homem e a mulher era caracterizada por um claro domínio do homem a que estão reservadas as chamadas tarefas nobres: a guerra, o comércio e o proselitismo”, (DJALÓ, 2013, p. 56). E as mulheres eram quem cuidavam dos trabalhos manuais que garantiam assim a sobrevivência na sociedade; mas, hoje em dia, percebemos que estas tarefas não pertencem só as mulheres, já que elas podem desempenhar quaisquer serviços sociais que pode ajudar no desenvolvimento do país.

Por outro lado, o autor ressalta ainda que as organizações culturais e sociais do Mandé para Guiné-Bissau tinham uma grande importância para as representantes dos Mandingas. Esta, por sua vez, ajudava no controle das populações animistas que eles encontravam. Sendo assim, cada classe das sociedades Mandingas desempenhava suas funções do jeito que era pedido: os contadores de histórias, os artesões e os ferreiros ensinavam suas práticas religiosas e seu “saber-fazer”, enquanto que as pessoas livres e as elites utilizavam seus métodos sociais e culturais das suas tradições.

Após a desintegração do Imperio de Mali, nos séculos XV, as dezenas de Estados mandingas da região da Guiné-Bissau tornam-se uma federação separada dirigida pelos Mansas escolhidos entre os Clãs das famílias Sané e Mané dos Estados de Sama, Jimara et Pachana. (DJALÓ, 2013, p.56).

No que refere aos Fulas em Guiné-Bissau, para Djaló (2013), o que abrangia todos os descendentes de uma origem comum, era o conceito geral de laços familiares ou de sangue que é chamado pelo termo de ‘Mussidal’. “O parentesco é estabelecido por duas vias: a via paterna ‘legñol Gorol’ e a via materna ‘legñol Deol’, sendo a primeira a única que conta do ponto de vista político e do direito consuetudinário. A via materna não tem qualquer caráter jurídico” (DJALÓ, 2013, p. 72). Diante disso, entende ser que essas são um dos fatores que faz com que as mulheres não fazem parte da tomada de decisões dentro da sua própria casa e nas comunidades ela não tem voz para exprimir o que está pensando e sentindo em relação ao homem. Nesse contexto, as sociedades Fulas e ou muçulmanas de certa forma reage de uma forma injusta contra as mulheres.

De acordo com o Djaló (2013), atualmente em Guiné-Bissau, a sociedade tradicional Fula está dividida em duas classes diferentes, que são os chefes políticos e os camponeses. Primeiro são os chefes políticos (denominados régulos) e em Fula são designados por Lámbo. De acordo com o autor, estes em geral usavam os nomes Embaló e Baldé. Os Tôrôdos formam o clero, onde faz parte os Imãs ou Almamis, Tálibés e Chernos são todos os especialistas e mestre Corão. E o segundo são os camponeses formados por diferentes grupos sociais que constituem as corporações de ofício ou classes sociais e profissionais. Então, os agricultores, os pastores, os tecelões, pescadores, os marceneiros, os ferreiros, os alfaiates, os sapateiros, os auxiliares próximos dos chefes tradicionais, os bordadores de vestidos, os contadores de histórias são as profissões que formaram em castas.

Por outro lado, Borges (2009), ressalta que a cultura da Guiné-Bissau é muito rica e dessemelhante ao mesmo tempo. Quanto às questões de revelações culturais, religiosas, assim também como nos aspetos linguísticos e com a variável mosaica étnica, podemos definir a Guiné-Bissau como uma sociedade com várias culturas. A autora explica que o multicultural-

lismo se dá de maneiras diferentes e de acordo com os tipos de sociedades, sendo a sua essência parte das histórias e das correlações entre os indivíduos dos mesmos grupos. A organização social e econômica vai depender das suas visões e organizações do modo geral no mundo. Mas, às vezes, percebe-se que algumas práticas tradicionais das etnias islamizadas, especialmente a etnia Fula e mandinga, acabam refletindo na educação de uma forma negativa, pois as mulheres na religião islâmica são retiradas de uma forma injusta e às vezes isso acaba refletindo nos seus estudos. Por outro lado, o casamento indesejável acaba gerando a gravidez precoce, refletindo nas suas formações. Com isso, o achado de Borges – intitulado *Estudo de caso em Gabú: será que o casamento explica gravidez precoce das jovens islâmicas (Fulas e Mandingas)* – revelam que

o casamento por si só não explica a gravidez precoce, o que explica é a religião (islâmica) porque é ela quem normaliza o casamento e um outro fator que possa explicar é a cultura islâmica, ela tem uma influência na gravidez precoce, e ainda o nível da escolaridade das jovens e pobreza a questão do dote dado para a família da noiva (BORGES, 2009, p. 14).

De acordo com Moura et al. (2005), a faixa etária de 12 a 16 anos de idade é mais ou menos a fase comum para o casamento precoce de mulheres, dependendo das etnias e das situações econômicas. As autoras salientam que, quanto mais jovens forem as meninas, menor a probabilidade de elas recusarem o casamento arranjado pelos pais. A mulher que não quer se casar corre o risco de ser expulsa na comunidade, sendo assim, elas acabam obedecendo aos pais.

#### **4.5 A constituição da mulher no Islão e a tradição cultural no processo de formação das meninas muçulmanas**

Segundo Borges (2009), muçulmanos, cristãos e crentes da religião africana são os três grupos religiosos que existem em Guiné-Bissau: 65% são crentes da religião africana, 33% da confiança muçulmana e apenas 5% de cristãos. Os Manjacos e os Pepel são as etnias em que há chefes tradicionais, chamados “régulos”, mas apesar de apresentarem estruturas sociais, não proporcionam uma organização de poder comparável com a das etnias muçulmanas. De certa forma, estas questões de organizações do poder e das estruturas sociais vão de acordo com o modo de convivência e de relacionamento com diferentes grupos étnicos. Percebe-se que o modo que os muçulmanos usam para dar casamento, fazer julgamento, negócios são diferentes em relação a outras etnias.

Por outro lado, a autora afirma que as pessoas apegadas à tradição, a maioria homens, fundamentam que o profeta garantiu direitos básicos no casamento que não era aceito



no tempo da ignorância e melhorou também a condição de vida das mulheres da religião islâmica.

No islamismo em geral o casamento é contratual, e considerando que os contratos são negociáveis, reformistas argumentam que se a lei apresenta ambiguidades que dificultam uma união, se podem utilizar subterfúgios contratuais. Mas nem todas as escolas de direito permitem que a mulher determine as cláusulas do contrato, ou caso seja possível, o seu poder de decisão será determinado em grande parte pelo status da sua família (BORGES, 2009, p. 28).

Moura et al. (2005) mostraram as consequências destas práticas que começam desde a maternidade precoce indo assim até nas educações das meninas, e as preocupações das famílias são a reprodução fora do casamento, a sexualidade, os benefícios econômicos, na qual a família da noiva e do noivo fazem um acordo, ou com o próprio ainda mesmo sendo criança a família da mulher vai recebendo ajudas até no casamento. E para os noivos as razões são maiores: o interesse sexual, estatuto social, e a obtenção de mão-de-obra e até terem cumprido com o acordo da família da noiva antes do casamento. Quanto a este aspecto, entendemos que os pais deram muito valor à tradição, porque ela não se desfaz facilmente.

“Segundos ensinamentos do alcorão, o papel da mulher na sociedade é tão vital como a do próprio homem e ela não é superior nem inferior, mas apenas diferente. Os direitos e responsabilidades de uma mulher são iguais aos do homem” (ABDALATI, 1995, p. 251-252). Mas nas sociedades essas igualdades não são vistas ou são má interpretação do alcorão pelo homem para poder legitimar a sua superioridade à mulher. Para Borges (2009), a importante função das mulheres na comunidade islâmica é vista sempre como ser procriadora e trabalhadora doméstica.

Portanto, nessas etnias as mulheres não podem recusar o pedido do casamento sob a ordem dos seus pais. O casamento precoce acaba aumentando cada vez mais e justificam que no alcorão a mulher deve servir ao seu marido e obedecê-lo com todo respeito. Segundo Borges (2009), ao marido, é atribuído o papel de cuidar da mulher e às crianças, com meios necessários e essenciais para manter as suas sobrevivências. O homem tem todo direito de se casar com três ou quatro mulheres por que o alcorão lhe atribuiu esse poder enquanto que a mulher é limitada de se casar só com um homem.

“O islamismo entende que uma mulher não pode se instruir se não é permitido falar. Não pode crescer intelectualmente se essa é obrigada a um estado de completa submissão” (BORGES, 2009, p. 29). A autora deixou claro ainda que, apesar das mulheres ficarem atrás do homem no momento da oração, não indica que elas são inferiores em relação aos homens, e que não existe causa nenhuma que possa lhes impedir para assumir funções de lideranças.

#### 4.6 Os desafios do sistema educativo em Guiné-Bissau

De acordo com Furtado (2005), na maioria dos casos, as deliberações políticas para o sistema da educação em Guiné-Bissau foram decididas e colocadas sem consultar e ouvir as populações, especialmente os protagonistas do processo do ensino-aprendizagem: alunos, professores e pais. Sem analisar a capacidade de administração e gestão do sistema educativo, sem levar em considerações as necessidades em recursos humanos, financeiros e materiais e sem pensar profundamente sobre as consequências que esta pode causar.

Para Moura et al. (2005) existem quatro fatores que faz com que as meninas abandonem a escola entre seis e dezessete anos: 1) a ideia de que o ensino e/ou a educação formal não servem; 2) os custos para manter uma criança na escola; 3) a distância das instituições escolares em relação à residência familiar; 4) a gravidez indesejada e precoce. Sabe-se que as pessoas que mais sofrem com essas questões são as mulheres que vivem nas zonas rurais. Se as meninas que vivem nas zonas urbanas estão a reclamar imagina as que estão nas aldeias: o analfabetismo, falta de escolas, condições financeiras, de saúde, etc. tendem a ser maiores nas zonas rurais. Ainda, segundo Moura et al. (2005) afirmam que, no Relatório Nacional do Desenvolvimento Humano (RNDH) de 2005 estava apontada as razões para o abandono escolar como, por exemplo, o assédio, as percepções negativas sobre o sucesso das meninas nas escolas, a gravidez precoce, e o abuso sexual que as meninas sofrem pelos próprios professores e alunos.

Entende-se que saber ler e escrever é fundamental nesse mundo de hoje. As mulheres sem nenhuma experiência em educação formal, principalmente as vendedoras ambulantes, sofrem muito no mercado do trabalho devido à falta de instrução. Um exemplo disso são as que não sabem contar o dinheiro para passar o troco e que, por isso, têm tendências em obter menos lucros e vão perder mais. Daí a importância do investimento na educação para minimizar essa situação. Além disso, Furtado (2005) sublinha que, se na atualidade a formação e a educação são instrumentos importantes para o desenvolvimento e a sobrevivência das nações, então é necessário unir forças e competências para melhorar e fazer com que funcione uma administração bem estruturada que vai ajudar e cumprir os objetivos educacionais.

Na Guiné-Bissau, as carências que se fazem sentir na área da educação, e não só, foram geradas pela fragilidade inadequação e ineficácia dos modos de organização e das estruturas adoptadas que se fora deteriorando ao longo dos anos com medidas incoerentes tomadas de forma isolada e descontextualizadas da realidade social, económica, política e cultural. Essas carências foram também em muitos momentos originada pela ausência de medidas ou pela sua tomada tardia (FURTADO, 2005, p. 24).

O autor explica ainda que conflitos armados, as confrontações e a instabilidade política geram sempre um clima de desconfiança ao longo dos tempos e que acaba refletindo no sistema educativo em Guiné-Bissau. As taxas de analfabetos continuam a crescer, principalmente nas camadas femininas e ao nível rural, e que durante anos as recorrentes carências em recursos humanos e materiais foram fatores que levaram com ele o insucesso, as elevadas taxas de abandono escolar, as baixas taxas de escolarização, a pobreza que por consequente acabou tomando conta do país, dificultando cada vez a melhoria da condição de vida das populações.

Teixeira (1997, p.8 *apud* Furtado, 2005) disse que a educação é muito útil na sociedade e apresenta duplo sentido: por um lado capacita para inovação e assegura um número de pessoas influentes e capazes de desenvolver e arranjar mecanismos para enfrentar os obstáculos e os problemas do desenvolvimento; por outro, ela adiciona a tradição, construções culturais, que facilita o desenvolvimento social e cultural. O mesmo autor aponta outra razão do abandono escolar das meninas que é a distância entre a escola e as comunidades, que influencia negativamente nos seus estudos devido às tarefas e às responsabilidades domésticas que lhes são atribuídas. Portanto, é urgente encontrar mecanismos capazes de acabar com tantos fatores que fazem com que as meninas abandonem a escola ainda na tenra idade.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia é o caminho utilizado para estudar um problema, ou seja, é um para atingir o objetivo de uma investigação científica; ainda pode ser compreendida como conjunto de técnicas de pesquisa que possibilitam a coleta de dados e o processamento de informações, visando ao encaminhamento e à resolução de problemas ou questões de investigação. “A Metodologia é a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observados para construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade” (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 14). Em questão, pesquisa qualitativa é um meio pelo qual a investigadora estuda os fenômenos de uma forma detalhada. Aponta Cresweel (2010, p. 209) que

A pesquisa qualitativa é uma forma de investigação interpretativa em que os pesquisadores fazem uma interpretação do que enxergam, ouvem e entendem. Suas interpretações não podem ser separadas de suas origens, história, contextos e entendimentos anteriores.

Levando em consideração a proposta da pesquisa, que é de analisar os fatores que influenciam as estudantes adolescentes Fulas e Mandingas a interromperem seus estudos no

ensino médio na região de Gabú, optamos pelo método qualitativo por entendermos que é o mais apropriado para a análise do que pretendemos levar a cabo neste estudo.

Sendo assim, entendemos que este tipo de método nos ajudará a compreender as causas de problemas a serem estudados.

### **5.1 Técnicas utilizadas e análise de dados**

De acordo com os preceitos da pesquisa qualitativa e que, exige a análise de dados, este que “envolve a coleta dos dados abertos, em formulação questões abertas e desenvolver uma análise das informações fornecidas pelos participantes” (CRESWELL, 2010, p. 217). Neste sentido, a análise será em duas fases.

A primeira parte seria uma revisão bibliográfica, o foco central seria a análise dos textos, artigos, relatórios, monografias que já foram produzidos com base nas experiências das pessoas e realidades voltados ao tema do nosso trabalho. A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada ao pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc, até meios de comunicação oral: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. (MARCONI E LOKATOS, 2010, p. 166).

Logo na segunda fase, faremos a pesquisa de campo através das entrevistas com as meninas adolescentes das etnias Fulas e Mandingas, especificamente na região de Gabu. As pesquisas de campo, segundo Gil (2010, p. 57), “procuram muito mais o aprofundamento das questões propostas de que a distribuição das características da população segundo variáveis”. Ou seja, elas permitem investigar, ter uma clareza dos fatos através dos entes a serem pesquisados. Já a entrevista,

Trata-se de uma técnica de pesquisa para coleta de dados cujo objetivo básico é entender e compreender o significado que os entrevistados atribuem a questões e situações, em contextos que não foram estruturados anteriormente, com a base nas suposições e conjecturas do pesquisador (MARTINS, 2008, p. 27).

Para isso, optamos por realizar uma entrevista semiestruturada ou não estruturada para obter as informações de que necessitamos. “É uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como de informação” (GIL, 2010, p. 109). Para Martins (2008), a entrevista não estruturada é onde o entrevistador procura alcançar informações, dados, através de diálogos, opiniões, acompanhados a um roteiro de perguntas em meio de uma conversação isenta. Então, compreendemos por bem que esse tipo de entrevista nos ajudará a conhecer a realidade dos dois grupos étnicos citados, que registraram e têm registrado maior índice de taxa de abandono escolar por motivos culturais e religiosos.

Essa pesquisa será realizada na região de Gabú, zona Leste da Guiné-Bissau, que faz fronteira com Senegal, a norte, a Guiné a leste e Sul, e com as regiões de Tombali e Bafatá, segundo os dados da UCCLA (2018). Gabú foi a capital do império Kaabu (também conhecido por Ngabou, ou N'Gabu), um reino mandinga que existiu entre 1537 e 1869 chamada Senegambia. E, como já mostramos no corpo deste trabalho, vale à pena ressaltar ainda, que esta pesquisa será feita com as meninas adolescentes Fulas e Mandingas que vivem na região de Gabú. Sendo assim, pretendemos executar as entrevistas de forma equilibrada entre as duas etnias já mencionas e com a mesma faixa etária.

## 6 REFERÊNCIAS

ABDALATI, Hammudah. **O Islam em Foco: Centro de Divulgação do Islam para América Latina**. São Bernardo do Campo: Cdial, 1995.

AGENDA da União Africana 2063. **África que Queremos: Plano de Implementação Para a Primeira Década - 2014-2023**. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2NGZdRr>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

AUGEL, M. P. **A Nova Literatura da Guiné-Bissau**. Coleção kebur, Bissau: 1939.

\_\_\_\_\_. **O Desafio do Escombro: Nação Identidades e Pós-colonialismo na Literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BORGES, E. S. Moreira. **Estudo do Caso em Gabú: Será Que o Casamento Explica Gravidez Precoce das Jovens Islâmicas (Fulas e Mandingas)**. Dissertação (Mestrado) Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009.

CABRAL, A. **Arma da teoria: unidade e luta**. Fundação Pedro Pires, 1975.

COSTA e SILVA, Alberto Da. **O Jihad do Futa Jalom**. In: RIBEIRO, Alexandre; GABARRA, Alexsander; BITTENCOURT, Marcelo. (org.). **África: passado e presente**. II encontro de estudos africanas da UFF. Niterói: UFF, 2010, pp.8-20.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa, Métodos Qualitativos, Quantitativo e Misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DJALO, T. **O Poder e o Mestiço: Identidades, Dominações e Resistências na Guiné**. Lisboa: Nova Vega, 2013.

FURTADO, A. B. R. **Administração e Gestão da Educação na Guiné-Bissau: Incoerências e Descontinuidade**. Dissertação (Doutorado). Departamento de Ciências da Educação. Universidade de Aveiro, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, P. A. G. **Mulheres do Sector Informal. Experiências da Guiné-Bissau.** 2008. Disponível em: <[encurtador.com.br/lqAM8](http://encurtador.com.br/lqAM8)> Acesso em: 25 jul. 2018.

GOMES, Patrícia Godinho. A mulher guineense como sujeito e objeto do debate histórico contemporâneo: Excertos da história de vida de Teodora Inácia Gomes. *África Development*, Volume XLI, Nº 3, pp. 71-95, 2016

IMPANTA, I. **Estudantes Guineenses na UNILAB, CEARÁ, Brasil:** Coexistência, Representações Inter étnicas e questões de gênero. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Humanidades). Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. UNILAB, 2015

INE. Instituto Nacional de Estatística. **Características Socioculturais.** Bissau, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2Ajb4Sa>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

LAKATOS, E. Maria e MARCONI, M. de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS G. Andrade. **Estudo de Caso:** Uma Estratégia de Pesquisa. São Paulo: Atlas, 2008.

MOURA, T. et al. Invisibilidades da Guerra e da Paz: Violências Contra as Mulheres na Guiné-Bissau, em Moçambique e em Angola. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2RPpXST>>. Acesso em: 20 set. 2018.

PINTO, Paula. **Tradição e Modernidade na Guiné-Bissau: Uma Perspectiva Interpretativa do Subdesenvolvimento.** Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Estudos africanos. Centro de Estudos Africanos. Faculdade de Letras. Universidade do Porto. Porto: UP, 2009.

PRODANOV, C. Cristiano e FREITAS, E. Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** 2ª. ed. Novo Hamburgo, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2jYUJvl>>. Acesso em: 20 set. 2018.

PNUD. Guiné-Bissau com segundo pior resultado no Índice de Desenvolvimento Humano. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-002/guin%C3%A9-bissau-com-segundo-pior-resultado-no-%C3%ADndice-de-desenvolvimento-humano/a-45494066>>. Acesso em: 25/10/2018

TEIXEIRA, R. J. Dumas. **Cabo Verde e Guiné-Bissau:** As Relações Entre as Sociedade Civil e o Estado. Recife: ed. do Autor 2015.

UCCLA. Portal Online de União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa - UCCLA. Disponível em: <<https://www.uccla.pt/membro/gabu>>. Acesso em: 19 out. 2018.